

JOVENS

MOVIDOS PELO AMOR DE DEUS



ENCONTRO NACIONAL
DE ADOLESCENTES E JOVENS DA A C R

CASA DIOCESANA DE VILAR - PORTO

15/04/2018

1º TEMA

Jovens movidos pelo amor de Deus, nas várias vocações

As vocações são dom do amor de Deus, um amor sem reservas que nos precede, sustenta e chama ao longo do caminho da vida. É a este amor que devemos abrir a nossa vida, cada dia. É no terreno de um coração em oblação, na abertura ao amor de Deus, e como fruto deste amor, que nascem e crescem todas as vocações. Sobressai aqui, portanto, a necessidade de desenvolver uma pedagogia do apelo para cada um, que constitui o modo privilegiado para suscitar pessoas livres e responsáveis.

(Plano Diocesano de Pastoral 2017/2018, págs 10 e 11)

VER

Proposta de interrogações que poderão ajudar a «ver» as realidades de vida do tema deste encontro

- a) Temos consciência de que pelo batismo temos a «*vocação do sacerdócio comum*» (*Lumen gentium, nº 10*) e do «*chamamento à santidade*» (*Lumen gentium, capítulo V*) ou, para nós, falar de vocação e de santidade é apenas falar de padres, frades, freiras, membros de institutos seculares, missionários, etc?
- b) Acreditamos que ser «*leigo ou leiga na Igreja é uma vocação*», (*Lumen gentium, nº 31*) independentemente do estado de cada um (casado, viúvo ou solteiro)?
- c) Estamos atentos a quem nos parece ter vocação para padre ou freira e procuramos ajudá-los a fazer o seu encaminhamento para quem os possa ajudar a discernir a sua vocação?
- d) Apercebemo-nos de que os noivos cristãos ao prepararem-se para «*casar pela Igreja*» manifestam ter vocação para receber e viver o sacramento do matrimónio e sabem as diferenças e as consequências que há entre casamento-matrimónio e casamento civil ou união de facto legalizada?

JULGAR

Proposta de textos que poderão ajudar na «iluminação cristã» das realidades de vida verificadas no «ver» do tema deste encontro.

Da Constituição Lumen gentium do Concílio Vaticano II

Sacerdócio comum

Cristo Senhor, Pontífice tomado de entre os homens (cf. Heb. 5, 1-5), fez do novo povo «um reino de sacerdotes para Deus e Seu Pai» (cf. Apoc. 1, 6; 5, 9-10). Pela regeneração e pela união do Espírito Santo os batizados são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo, de modo que ofereçam, em toda a sua atuação cristã, sacrifícios espirituais e proclamem as grandezas d'Aquele que os chamou das trevas para a Sua luz maravilhosa (cf. 1 Ped. 2, 4-10). Perseverando no louvor de Deus (cf. Act. 2, 42-47) ofereçam-se todos os discípulos de Cristo como hóstia viva, santa, agradável a Deus (cf. Rom. 12, 1), rendam testemunho de Cristo em toda a parte, sempre prontos a dar uma razão a quem os interrogar acerca da esperança, que neles existe, da vida eterna (cf. 1 Ped. 3, 15). (nº 10)

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico são diferentes um do outro essencialmente e não apenas em grau, mas ordenam-se cada um para o outro: na verdade, ambos participam, a seu modo peculiar, do sacerdócio único de Cristo. O sacerdote ministerial, pelo poder sagrado em que é investido, vitaliza e dirige o povo de Deus, realiza o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis têm parte na oblação da Eucaristia, por virtude do seu sacerdócio régio, e exercem-no na receção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho duma vida santa, pela abnegação e por uma caridade ativa. (nº 10)

Do Documento preparatório do Sínodo dos Bispos sobre «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional»

Da introdução

«Eu disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa» (Jo 15, 11): eis o projeto de Deus para os homens e as mulheres de todos os tempos e, portanto, também para todos os jovens e as jovens do terceiro milénio, sem excluir ninguém.

Anunciar a alegria do Evangelho é a missão que o Senhor confiou à sua Igreja. O Sínodo sobre a nova evangelização e a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* abordaram o modo de cumprir esta missão no mundo de hoje; ao contrário, os dois Sínodos sobre a família e a Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia* foram dedicados ao acompanhamento das famílias ao encontro desta alegria.

Em continuidade com este caminho, através de um novo percurso sinodal sobre o tema: «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional», a Igreja decidiu interrogar-se sobre o modo de acompanhar os jovens a reconhecer e a acolher a chamada ao amor e a vida em plenitude, e **também pedir aos** próprios jovens que ajudem a identificar as modalidades hoje mais eficazes para anunciar a Boa Notícia. Através dos jovens, a Igreja poderá ouvir a voz do Senhor que ressoa inclusive nos dias de hoje. Assim como outrora Samuel (cf. 1 Sm 3, 1-21) e Jeremias (cf. Jr 1, 4-10), existem jovens que sabem vislumbrar aqueles sinais do nosso tempo, apontados pelo Espírito. Ouvindo as suas aspirações, podemos entrever o mundo de amanhã que vem ao nosso encontro e os caminhos que a Igreja é chamada a percorrer.

Para cada um a vocação ao amor adquire uma forma concreta na vida quotidiana, através de uma série de escolhas que estruturam a condição de vida (casamento, ministério ordenado, vida consagrada, etc.), a profissão, as modalidades de compromisso social e político, o estilo de vida, a gestão do tempo e do dinheiro, etc. Assumidas ou incorridas, conscientes ou inconscientes, trata-se de escolhas das quais ninguém se pode eximir. A finalidade do discernimento vocacional consiste em descobrir como as transformar, à luz da fé, em passos rumo à plenitude da alegria à qual todos nós somos chamados.

A Igreja está consciente de que possui «o que constitui a força e o encanto dos jovens: a faculdade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas» (Mensagem do Concílio Vaticano II aos jovens, 8 de dezembro de 1965); as riquezas da sua tradição espiritual oferecem muitos instrumentos com os quais acompanhar o amadurecimento da consciência e de uma liberdade autêntica.

Da III – A Ação Pastoral – Uma comunidade responsável

Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável pela tarefa de educar as novas gerações, e devemos reconhecer que são muitas as figuras de cristãos que a assumem, a partir daqueles que se comprometem no seio da vida eclesial.

Devem ser apreciados também os esforços de quantos dão testemunho da vida boa do Evangelho e da alegria que dela brota nos lugares da vida quotidiana. Finalmente, é necessário valorizar as oportunidades de compromisso dos jovens nos organismos de participação das comunidades diocesanas e paroquiais, a começar pelos conselhos pastorais, convidando-os a oferecer a contribuição da sua criatividade e aceitando as suas ideias, até quando parecem provocadoras.

No mundo inteiro existem paróquias, congregações religiosas, associações, movimentos e realidades eclesiais capazes de projetar e de oferecer aos jovens experiências de crescimento e de discernimento verdadeiramente significativas. Às vezes esta dimensão de projeto deixa espaço para a improvisação e a incompetência: é um risco do qual nos devemos defender, assumindo cada vez mais seriamente a tarefa de pensar, concretizar, coordenar e realizar a pastoral juvenil de modo correto, coerente e eficaz. Também aqui se impõe a necessidade de uma preparação específica e contínua dos formadores.

As figuras de referência

Da III – A Ação Pastoral – As figuras de referência

O papel de adultos fidedignos, com os quais entrar em aliança positiva, é fundamental em cada percurso de amadurecimento humano e de discernimento vocacional. São necessários crentes autorizados, com uma clara identidade humana, uma sólida pertença eclesial, uma visível qualidade espiritual, uma vigorosa paixão pela educação e uma profunda capacidade de discernimento. Por vezes, ao contrário, adultos despreparados e imaturos tendem a agir de modo possessivo e manipulador, criando dependências negativas, grandes dificuldades e graves contra testemunhos, que podem chegar até ao abuso.

Para que haja figuras credíveis, é necessário formá-las e apoiá-las, oferecendo-lhes também maiores competências pedagógicas. Isto é válido de modo particular para aqueles aos quais é confiada a tarefa de acompanhadores do discernimento vocacional, em ordem ao ministério ordenado e à vida consagrada.

Pais e família: dentro de cada comunidade cristã deve ser reconhecido o papel educativo insubstituível, desempenhado pelos pais e pelos demais familiares. No seio da família, são em primeiro lugar os pais que exprimem cada dia o cuidado de Deus por cada ser humano, no amor que os une entre si e aos seus

próprios filhos. A tal propósito, são preciosas as indicações oferecidas pelo Papa Francisco, num capítulo específico da *Amoris laetitia* (cf. 259-290).

Pastores: o encontro com figuras ministeriais, capazes de se colocar autenticamente em jogo com o mundo juvenil, dedicando-lhe tempo e recursos, graças inclusive ao testemunho generoso de mulheres e homens consagrados, é decisivo para o crescimento das novas gerações. Também o Papa Francisco o recordou: «Peço isto sobretudo aos pastores da Igreja, aos Bispos e aos Sacerdotes: vós sois os principais responsáveis das vocações cristãs e sacerdotais, e esta tarefa não se pode relegar a um cargo burocrático. Também vós vivestes um encontro que mudou a vossa vida, quando outro sacerdote – o pároco, o confessor, o diretor espiritual – vos fez experimentar a beleza do amor de Deus. E assim também vós: saindo, ouvindo os jovens – é preciso paciência! – os podeis ajudar a discernir os movimentos do seu coração e a orientar os seus passos» (Discurso aos participantes no Congresso de pastoral vocacional, 21 de Outubro de 2016).

Professores e outras figuras educativas: muitos professores católicos estão comprometidos como testemunhas nas universidades e nas escolas de todos os níveis; no mundo do trabalho, muitos estão presentes com competência e paixão; na política, numerosos crentes procuram ser fermento para uma sociedade mais justa; no voluntariado civil, muitos se dedicam em prol do bem comum e do cuidado da criação; na animação do tempo livre e do desporto, são numerosos os que trabalham com entusiasmo e generosidade. Todos eles dão testemunho de vocações humanas e cristãs acolhidas e vividas com fidelidade e compromisso, suscitando em quantos os veem o desejo de fazer o mesmo: responder com generosidade à própria vocação é o primeiro modo de promover a pastoral vocacional.

Do Evangelho Segundo São Mateus, 5, 1-12

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os que choram, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu; pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam.

AGIR

Depois do «ver» e «julgar» que fizemos sobre o tema - «Movidos pelo amor de Deus nas várias vocações» - qual vai ser o nosso «agir»:

- a) Que compromisso individual quero fazer no sentido de intensificar e aperfeiçoar a vivência da minha vocação laical e a atenção e ação que devo ter a quem me parece ter vocação a padre ou freira?
- b) E, nesta linha das vocações, o que poderá e deverá a nossa Equipa da ACR promover na paróquia? (Como em 2018 se vai realizar o sínodo sobre «os jovens, a fé e o discernimento vocacional» não será de propor ao pároco a realização de um «Grande encontro paroquial sobre as vocações»: com destaque para a vocação laical, com testemunhos sobre as várias vocações, diálogo, reflexão bíblica e até, porque não, uma parte de alegre e fraterno convívio? (O dia 22 de Abril é o encerramento da Semana de Oração pelas Vocações!!!)

2º TEMA

Jovens movidos pelo amor de Deus na família

«O desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens, e isto incentiva a Igreja.»

A.L.1

VER

- a) Como veem os jovens a realidade atual do amor e do casamento?
- b) Na nossa paróquia o que se verifica mais:
Casamentos religiosos?
Casamentos civis?
Unões de facto?
- c) Há muitos divórcios? Porquê?
- d) Quais as causas que motivaram a alteração do modelo de família tradicional?

JULGAR

Proposta de textos que poderão ajudar na «iluminação cristã» das realidades de vida verificadas no «ver» do tema deste encontro.

A REALIDADE E OS DESAFIOS DAS FAMÍLIAS

O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja. Inúmeras são as análises feitas sobre o matrimónio e a família, sobre as suas dificuldades e desafios atuais. É salutar prestar atenção à realidade concreta, porque «os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história» através dos quais «a Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério do matrimónio e da família». A.L. 31

«As tensões causadas por uma cultura individualista exagerada da posse e fruição geram no seio das famílias dinâmicas de impaciência e agressividade».[13]Gostaria de acrescentar o ritmo da vida atual, o stresse, a organização social e laboral, porque são fatores culturais que colocam em risco a possibili-

dade de opções permanentes. Ao mesmo tempo, encontramos-nos perante fenómenos ambíguos. Por exemplo, aprecia-se uma personalização que aposte na autenticidade em vez de reproduzir comportamentos prefixados. É um valor que pode promover as diferentes capacidades e a espontaneidade, mas, se for mal orientado, pode criar atitudes de permanente suspeita, fuga dos compromissos, confinamento no conforto, arrogância. A liberdade de escolher permite projetar a própria vida e cultivar o melhor de si mesmo, mas, se não se tiver objetivos nobres e disciplina pessoal, degenera numa incapacidade de se dar generosamente. De facto, em muitos países onde diminui o número de matrimónios, cresce o número de pessoas que decidem viver sozinhas ou que convivem sem coabitar. A.L. 33

Se estes riscos se transpõem para o modo de compreender a família, esta pode transformar-se num lugar de passagem, aonde uma pessoa vai quando lhe parecer conveniente para si mesma ou para reclamar direitos, enquanto os vínculos são deixados à precariedade volúvel dos desejos e das circunstâncias. «... Neste contexto, o ideal matrimonial com um compromisso de exclusividade e estabilidade acaba por ser destruído pelas conveniências contingentes ou pelos caprichos da sensibilidade. Teme-se a solidão, deseja-se um espaço de proteção e fidelidade mas, ao mesmo tempo, cresce o medo de ficar encurralado numa relação que possa adiar a satisfação das aspirações pessoais. A.L. 34

Como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimónio, para não contradizer a sensibilidade atual, para estar na moda, ou por sentimentos de inferioridade face ao descalabro moral e humano; estaríamos a privar o mundo dos valores que podemos e devemos oferecer. É verdade que não tem sentido limitar-nos a uma denúncia retórica dos males atuais, como se isso pudesse mudar qualquer coisa. De nada serve também querer impor normas pela força da autoridade. É-nos pedido um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimónio e a família, de modo que em várias partes da África, o secularismo não conseguiu enfraquecer alguns valores tradicionais e, em cada matrimónio, gera-se uma forte união entre duas famílias alargadas, onde se conserva ainda um sistema bem definido de gestão de conflitos e dificuldades. No mundo atual, aprecia-se também o testemunho dos cônjuges que não se limitam a perdurar no tempo, mas continuam a sustentar um projeto comum e conservam o afeto. Isto abre a porta a uma pastoral positiva, acolhedora, que torna possível um aprofundamento gradual das exigências do Evangelho. No entanto, muitas vezes agimos

na defensiva e gastámos as energias pastorais multiplicando os ataques ao mundo decadente, com pouca capacidade de propor e indicar caminhos de felicidade. Muitos não sentem a mensagem da Igreja sobre o matrimónio e a família como um reflexo claro da pregação e das atitudes de Jesus, o qual, ao mesmo tempo que propunha um ideal exigente, não perdia jamais a proximidade compassiva às pessoas frágeis como a samaritana ou a mulher adúltera.

As consultas que antecederam os dois últimos Sínodos trouxeram à luz vários sintomas da «cultura do provisório». Refiro-me, por exemplo, à rapidez com que as pessoas passam duma relação afetiva para outra. Creem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e inclusive bloquear rapidamente. Penso também no medo que desperta a perspetiva dum compromisso permanente, na obsessão pelo tempo livre, nas relações que medem custos e benefícios e mantêm-se apenas se forem um meio para remediar a solidão, ter proteção ou receber algum serviço. Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus. A.L. 39

«Correndo o risco de simplificar, poderemos dizer que vivemos numa cultura que impele os jovens a não formarem uma família, porque privam-nos de possibilidades para o futuro. Mas esta mesma cultura apresenta a outros tantas opções que também eles são dissuadidos de formar uma família».[14] Nalguns países, muitos jovens «são frequentemente levados a adiar o matrimónio por problemas de tipo económico, laboral ou de estudo. Às vezes também por outros motivos, tais como a influência das ideologias que desvalorizam o matrimónio e a família, a experiência do fracasso de outros casais a que eles não se querem expor, o medo de algo que consideram demasiado grande e sagrado, as oportunidades sociais e os benefícios económicos derivados da convivência, uma conceção puramente emotiva e romântica do amor, o medo de perder a liberdade e a autonomia, a rejeição de tudo o que possa ser concebido como institucional e burocrático». A.L. 40

O amor no Matrimónio

Tudo o que foi dito não é suficiente para exprimir o Evangelho do matrimónio e da família, se não nos detivermos particularmente a falar do amor. Com efeito, não poderemos encorajar um caminho de fidelidade e doação recíproca, se não estimularmos o crescimento, a consolidação e o aprofundamento do amor conjugal e familiar. De facto, a graça do sacramento do matrimónio

destina-se, antes de mais nada, «a aperfeiçoar o amor dos cônjuges».[104] Também aqui é verdade que, «ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor de nada me vale» (1Cor 13, 2-3). Mas a palavra «amor», uma das mais usadas, muitas vezes aparece desfigurada A.L 89

A vida na família em sentido amplo

O núcleo familiar restrito não deveria isolar-se da família alargada, onde estão os pais, os tios, os primos e até os vizinhos. Nesta família ampla, pode haver pessoas necessitadas de ajuda, ou pelo menos de companhia e gestos de carinho, ou pode haver grandes sofrimentos que precisam de conforto. A.L 187

Ser filho

Em primeiro lugar, falemos dos pais próprios. Jesus lembrava aos fariseus que o abandono dos pais é contrário à Lei de Deus (cf. *Mc 7, 8-13*). Não faz bem a ninguém perder a consciência de ser filho. Em cada pessoa, «mesmo quando se torna adulta ou idosa, quando passa também a ser progenitora ou desempenha funções de responsabilidade, por baixo de tudo isso permanece a identidade de filho. Todos somos filhos. E isto recorda-nos sempre que a vida não no-la demos sozinhos, mas recebemo-la. O grande dom da vida é o primeiro presente que recebemos». A.L 188

Por isso, «o quarto mandamento pede aos filhos (...) que honrem o pai e a mãe (cf. *Ex 20, 12*). Este mandamento vem logo após aqueles que dizem respeito ao próprio Deus. Com efeito, contém algo de sagrado, algo de divino, algo que está na raiz de todos os outros tipos de respeito entre os homens. A.L 189

Os idosos

«Não me rejeites no tempo da velhice; não me abandones, quando já não tiver forças» (*Sl 71/70, 9*). É o brado do idoso, que teme o esquecimento e o desprezo. Assim como Deus nos convida a ser seus instrumentos para escutar a súplica dos pobres, assim também espera que ouçamos o brado dos idosos Isto interpela as famílias e as comunidades, porque «a Igreja não pode nem quer conformar-se com uma mentalidade de impaciência, e muito menos de indiferença e desprezo, em relação à velhice. Devemos despertar o sentido coletivo de gratidão, apreço, hospitalidade, que faça o idoso sentir-se parte viva da sua comunidade. Os idosos são homens e mulheres, pais e mães que, antes de nós, percorreram o nosso próprio caminho, estiveram na nossa mesma casa, comba-

teram a nossa mesma batalha diária por uma vida digna». [212] Por isso, «como gostaria duma Igreja que desafia a cultura do descarte com a alegria transbordante dum novo abraço entre jovens e idosos!» A.L 191

Quem quebra os laços com a história terá dificuldade em tecer relações estáveis e reconhecer que não é o dono da realidade. Com efeito, «a atenção aos idosos distingue uma civilização. Numa civilização, presta-se atenção ao idoso? Há lugar para o idoso? Esta civilização irá em frente, se souber respeitar a sabedoria dos idosos». A.L 192

A falta de memória histórica é um defeito grave da nossa sociedade. É a mentalidade imatura do «já está ultrapassado». Conhecer e ser capaz de tomar posição perante os acontecimentos passados é a única possibilidade de construir um futuro que tenha sentido. Não se pode educar sem memória: «Recordai os dias passados» (*Heb 10, 32*) A.L 193

Ser irmão

A relação entre os irmãos aprofunda-se com o passar do tempo, e «o laço de fraternidade que se forma na família entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura aos outros, é uma grande escola de liberdade e de paz. Em família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana (...). Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo. A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afetos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira». [220] A.L194

Um coração grande

Com efeito, além do círculo pequeno formado pelos cônjuges e seus filhos, temos a família alargada, que não pode ser ignorada. Com efeito, «o amor entre o homem e a mulher no matrimónio e, de forma derivada e ampla, o amor entre os membros da mesma família – entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, entre parentes e familiares – é animado e impelido por um dinamismo interior e incessante, que leva a família a uma comunhão sempre mais profunda e intensa, fundamento e alma da comunidade conjugal e familiar». [223] Aí se integram também os amigos e as famílias amigas, e mesmo as comunidades de famílias que

O nosso amor cotidiano

No chamado hino à caridade escrito por São Paulo, vemos algumas características do amor verdadeiro:

«O amor é paciente,
O amor é prestável;
Não é invejoso,
Não é arrogante nem orgulhoso,
Nada faz de inconveniente,
Não procura o seu próprio interesse,
Não se irrita,
Nem guarda ressentimento,
Não se alegra com a injustiça,
Mas rejubila com a verdade.
Tudo desculpa,
Tudo crê,
Tudo espera,
Tudo suporta» (1Cor 13, 4-7).

AGIR

Depois do ver e julgar que fizemos sobre a «família», qual vai ser o nosso «agir».

- a) Individualmente, em ordem a um aperfeiçoamento dum maior sentido e responsabilidade da família?
- b) Em equipa, o que será necessário fazer para que os valores da família sejam vividos no nosso tempo?

3º TEMA

Jovens movidos pelo amor de Deus, na prática da Caridade

«A Lei nova é sobretudo a própria graça do Espírito Santo, dada aos crentes em Cristo» (S. Tomás de Aquino)

VER

Proposta de interrogações que poderão ajudar a «ver» as realidades de vida do tema deste encontro

- a) Por que será que é tão difícil «amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos»?
- b) Achamos que a Igreja, na sua missão, deve cuidar do serviço da caridade, como cuida da celebração dos Sacramentos e do anúncio da Palavra?
- c) Acreditamos que o cuidado de todos os pobres e de todas as pobreza e o bem integral da pessoa humana são critérios de verificação da autenticidade apostólica da Igreja, do nosso Movimento e da nossa vida cristã?
- d) Temos conhecimento de desempregados a passar necessidade e de idosos abandonados ou explorados?

JULGAR

Proposta de textos que poderão ajudar na «iluminação cristã» das realidades de vida verificadas no «ver» do tema deste encontro.

DO PLANO DIOCESANO DE PASTORAL 2017/2018
(Páginas 23 a 41)

III. PROGRAMA PASTORAL 2017/2018: MOVIDOS PELO AMOR DE DEUS!

1.PRESSUPOSTOS BÁSICOS:

Ao propormos como lema do nosso programa pastoral, “movidoss pelo amor de Deus” temos em conta que:

- 1) A caridade verdadeira tem a sua nascente, no amor fontal do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo;
- 2) O critério inspirador de toda a ação caritativa eclesial está contido na afirmação paulina de que “é o amor de Cristo que nos impele” (2 Cor 5,14);
- 3) A Igreja, na sua missão, deve cuidar do serviço da caridade, como cuida da celebração dos Sacramentos e do anúncio da Palavra;
- 4) O cuidado de todos os pobres e de todas as pobresas e pelo bem integral da pessoa humana são critérios de verificação da autenticidade apostólica da Igreja e da nossa vida cristã;
- 5) O testemunho cristão, pessoal e comunitário da caridade tem a ver decisivamente com a credibilidade do anúncio do Evangelho no nosso mundo.

Por isso, toda a programação pastoral coloca no centro, como foco irradiador, a vivência da caridade, enquanto princípio de vida cristã e dimensão fundamental (e não facultativa ou secundária) da comunidade eclesial, respondendo aos desafios concretos deste tempo. Esse dever da caridade diz respeito tanto ao cristão, no seu agir pessoal e quotidiano, como à Igreja, enquanto comunidade de amor.

2. OBJETIVOS: VIVER DA CARIDADE, VIVER A CARIDADE, VIVER EM CARIDADE

2.1. A IGREJA QUE VIVE DA CARIDADE

Movidos pelo amor de Deus, propomo-nos viver da caridade verdadeira, daquele amor que brota do mistério trinitário, como sua fonte, e que dimana, para todos nós, nas múltiplas experiências do encontro com Cristo, na escuta e anúncio da Palavra, na oração e celebração dos sacramentos, no testemunho feliz do amor recebido e oferecido.

Enraizados na caridade, queremos cultivar uma sólida espiritualidade cristã que dê consistência e sentido cristão ao compromisso social, para que este apareça, como fruto do amor de Cristo e do encontro transformador com Ele. Trata-se de um amor, que jamais podemos calar (cf. EG, 264). Numa palavra, queremos uma Igreja que vive da caridade: anuncia-a, celebra-a e testemunha-a. A comunidade cristã, no seu conjunto, é o sujeito da caridade e esta não é delegável a um gru-

po de boa vontade, a uma instituição social ou a especialistas na matéria. Assim, a primeira preocupação de cada comunidade deverá ser a de sensibilizar, educar e formar todos os seus membros para a vivência e o testemunho da caridade.

2.2. A IGREJA QUE VIVE A CARIDADE

Movidos pelo amor de Deus, propomo-nos viver a caridade, na prática concreta do mandamento novo do amor, «como Ele nos amou», portanto, por participação e imitação do amor de Cristo, quer ao nível mais pessoal das nossas relações humanas e sociais, quer ao nível mais institucional da caridade organizada pelas nossas comunidades cristãs.

Para viver a caridade, e com ela animar e fortalecer as nossas relações e instituições, urge então formar cristãos contemplativos na ação, verdadeiros evangelizadores com espírito, que anunciem a Boa Nova, não apenas com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.

É assim que, por capilaridade, e em rede, se pode fomentar o crescimento de autênticas comunidades samaritanas, que irradiem a caridade, sobretudo em favor dos que mais precisam (cf. EG, 199).

2.3. A IGREJA QUE VIVE EM CARIDADE

Movidos pelo amor de Deus, queremos viver em caridade, fomentando nas nossas comunidades a comunhão visível na partilha de bens materiais e espirituais, a unidade de alma e coração na justa diversidade de dons e ministérios, a capacidade de perdão e a necessária abertura à reconciliação, o diálogo paciente e permanente entre todos, a cultura do encontro e da proximidade, a estima recíproca entre pessoas e grupos, a procura humilde dos caminhos de renovação pastoral.

Reiteramos o desafio de criar e / ou revitalizar os espaços e os órgãos de comunhão, como os conselhos paroquiais ou interparoquiais, os conselhos vicariais, para que a prática efetiva da corresponsabilidade apareça, desde já, como exercício de aprendizagem da verdadeira sinodalidade, isto é, como capacidade das comunidades para fazerem caminho em conjunto, sob o impulso do Espírito Santo.

Do Evangelho segundo São Mateus (25, 31-46)

«Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos. O Rei dirá, então, aos da sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Recebi em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo. Então, os justos vão responder-lhe: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te? E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes. Em seguida dirá aos da esquerda: Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos! Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, era peregrino e não me recolhestes, estava nu e não me vestistes, doente e na prisão e não fostes visitar-me. Por sua vez, eles perguntarão: Quando foi que te vimos com fome, ou com sede, ou peregrino, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não te socorremos? Ele responderá, então: Em verdade vos digo: Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer. Estes irão para o suplício eterno, e os justos, para a vida eterna.»

AGIR

Depois do «ver» e «julgar» que fizemos sobre o tema - **«Movidos pelo amor de Deus na prática da Caridade»** - qual vai ser o nosso «agir»:

- a) Que motivações senti ao refletir sobre o Plano Diocesano de Pastoral 2017/2018 e qual vai ser o meu compromisso individual no aprofundamento do seu tema e dos seus objetivos?
- b) E como é que a nossa Equipa da ACR deve corresponder àquele plano?

ACR Acção Católica Rural
Casa Diocesana de Vilar – Sala 308
Rua Arcediogo Van Zeller, 50
4050-621 Porto